

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MARINA FLÁVIA DE FARIA**

**A CENSURA AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DURANTE A DITADURA  
MILITAR: UM OLHAR DOS ALUNOS DO 9<sup>º</sup> ANO**

**CURITIBA**

**2015**

**MARINA FLÁVIA DE FARIA**

**A CENSURA AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DURANTE A DITADURA  
MILITAR: UM OLHAR DOS ALUNOS DO 9º ANO**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no curso de Pós-graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Msc. Eguimara Selma Branco

**CURITIBA**

**2015**

## **A Censura aos meios comunicação durante a Ditadura Militar: um olhar dos alunos do 9ª Ano**

FARIA, MARINA FLÁVIA DE

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR

Pólo UAB de Apoio Presencial em IBAITI/PR

### **RESUMO**

O regime militar no Brasil foi instaurado, através de um golpe, no ano de 1964 e permaneceu até 1985, tal período foi marcado por um forte sistema centralista e autoritário que cassou os direitos de quem se opunha e a violou as liberdades individuais. A censura das mídias teve um papel fundamental para manter a ordem durante o período da ditadura. Foi um período negro e marcante da nossa história, mas será que os alunos têm noção de como foi duro tal época? E como esse pedaço da nossa história chega aos alunos de hoje? Será que os alunos da atualidade têm conhecimento de como as mídias sofreram com a intervenção da ditadura? Como os meios de comunicação agiram diante da censura imposta pelo Regime Militar? Através destas e de outras indagações é que se percebeu a importância de discutir com os alunos diferentes materiais que apresentassem conhecimento específico sobre como ocorreu a implantação da censura aos meios de comunicação durante o Regime Militar, bem como a própria mídia reagiu sobre a implantação dos Anos de Chumbo. E assim foi elaborado um projeto, direcionado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, propiciando a estas situações de reflexão a respeito de como o golpe militar foi concretizado; como se deu a reação do povo brasileiro em geral; de que maneira artistas, políticos, intelectuais e a população civil reagiram frente os "Anos de Chumbo"; e por fim, como os meios de comunicação interviram diante da censura imposta pelo Regime Militar.

Palavra-chave: Censura. Ditadura. Mídias

## 1 INTRODUÇÃO

A ditadura militar, no Brasil, foi marcada pelo despotismo, veto aos direitos estabelecidos pela constituição. A censura aos canais de informação e a produção cultural, intensa, tudo era seguido de perto pelos censores do governo. Para alcançar seu objetivo principal, passar para população a ideia de que o país estava na mais perfeita ordem, toda mídia foi calada e obrigada a publicar somente o que era aprovado pela ditadura. Durante este período teve-se graves violações à liberdade de expressão, direito essencial e elementar da democracia, atingindo a imprensa de maneira diferenciada. (AQUINHO,1999)

Hoje sabemos que a censura, assim, desempenhou papel fundamental na implantação e na consolidação da ditadura, silenciando uns e servindo a outros. É claro que, houve “abençoados” pela censura que construíram impérios de comunicações. Vale lembrar os jornalistas que resistiram ao arbítrio e, não podemos esquecer – jornalistas e jornais – que estiveram a favor do arbítrio, louvando em suas páginas os grandes feitos dos militares, suas conquistas econômicas e a pacificação do país, celebrando a eliminação dos terroristas e dos maus brasileiros que ameaçavam a ordem e o progresso (SOARES,1989)

E como esse pedaço da nossa história chega aos alunos de hoje? Será que os alunos da atualidade têm conhecimento de como as mídias sofreram com a intervenção da ditadura? Como os meios de comunicação agiram diante da censura imposta pelo Regime Militar? Como foi a relação dos meios de comunicação com a censura durante a Ditadura? Como a televisão serviu de veículo de comunicação para que o Regime Militar fosse justificado? Quais foram os meios utilizados pelo governo para abafar a opinião pública nos meios de comunicação? Através destas indagações é que se percebeu a importância de discutir com os alunos diferentes materiais que apresentem conhecimento específico sobre como ocorreu a implantação da censura aos meios de comunicação durante o Regime Militar, bem como a própria mídia reagiu sobre a implantação dos Anos de Chumbo.

E assim foi elaborado um projeto, direcionado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, propiciando aos alunos situações de reflexão a respeito de como o golpe militar foi concretizado; como se deu a reação do povo brasileiro em geral; de que maneira artistas, políticos, intelectuais e a população civil reagiu frente

os "Anos de Chumbo"; e por fim, como os meios de comunicação interviam diante da censura imposta pelo Regime Militar.

O projeto foi desenvolvido com a utilização de diferentes mídias como mediadoras do aprendizado. Foram utilizados documentários, letras de músicas, fotos, charges e notícias publicadas no período da Ditadura Militar no Brasil. E também foi desenvolvido um trabalho de pesquisa com os alunos, durante um bimestre, tempo esse que a pesquisadora atuou observando e percebendo os avanços dos alunos frente ao tema de pesquisa.

Esse trabalho tem como objetivo mostrar o desenvolvimento e resultados do projeto, "Censura aos meios de comunicação durante o Regime Militar: um olhar dos alunos do 9º ano." Para isso foi feita uma revisão da literatura ao longo de todo o projeto, da sua elaboração até sua conclusão, e que também será apresentada aqui.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

A mídia é um fator fundamental na vida da sociedade. E na educação a mesma tem um papel imprescindível, sem ela nossos alunos ficam aquém da realidade. Assistir televisão, navegar na Internet, falar ao celular são coisas do cotidiano da maioria na atualidade, mas se sabe que nem sempre foi assim. O Brasil viveu um período em que as mídias eram controladas e assim era levada a educação apenas o que era do interesse Militar. A influência da mídia na sociedade e na educação é um tema muito discutido e questionado.

A censura que teve início em 1964 com um golpe de estado e se estendeu até 1985. Foi marcado por um forte sistema centralista e autoritário, pondo fim com o regime democrático, além da cassação dos direitos de quem se opunha ao regime e a violação de liberdades individuais. A censura foi de caráter amplo, pois não atingiu somente a imprensa, sendo bem mais ampla e abarcando a classe artística nos espetáculos, no cinema, no teatro, na música.

Na década de sessenta as principais mídias ainda eram o jornal e o rádio. Foi através desse veículo, por exemplo, que as pessoas ficaram sabendo da movimentação das tropas militares e da deposição do presidente João Goulart. A televisão que só chega ao Brasil na década de 50 ainda era vista como algo inovador, passa então gradativamente a fazer parte da vida dos brasileiros.

A partir do Golpe, as mídias de comunicação do país se bipolarizam, ficando de um lado às mídias que apoiavam o Golpe, que obtinham legalidade e frequentemente apoio econômico para operar, e de outro as mídias que eram contrárias à ditadura. A censura perseguia de forma severa os que eram contrários ao regime militar.

Porém, a censura mudou suas perspectivas ao longo do regime, sua amplitude e seus métodos.

Um dos marcos da ditadura foi a censura imposta pelo regime de exceção. Em um primeiro momento, entre 1968 e 1975, a censura assume um caráter amplo, agindo indistintamente sobre todos os periódicos. De 1968 e 1972 tem-se uma fase inicial em que há uma estruturação da censura, do ponto de vista legal e profissional, e em que o procedimento praticamente se restringe a telefonemas e bilhetes enviados às redações. Na segunda fase (de 1972 a 1975) há uma radicalização da atuação censória, com a institucionalização da censura prévia aos órgãos de divulgação que oferecem resistência. Observa-se que em parte desse período o regime político recrudesce em termos repressivos, momento em que o controle do Executivo pertence aos militares identificados com a “linha-dura”. O ano de 1972 marca a radicalização e a instauração da censura prévia, e coincide com a discussão da sucessão presidencial que levará à escolha do general Ernesto Geisel, oriundo da ala militar da “Sobornne” e que terá uma grande dificuldade de aceitação por parte dos militares da “linha-dura”. Estes prosseguirão controlando altos cargos (por exemplo, o Comando do II Exército em São Paulo), durante algum tempo. Entre 1975 e 1978, observa-se que a censura passa a ser mais restritiva e seletiva: lentamente vai se retirando dos órgãos de divulgação, bem como diminuem de intensidade as ordens telefônicas e os bilhetes às redações. (AQUINO, 1999, p. 212)

A mudança referente à estrutura da censura se deve principalmente aos atos institucionais. O ato institucional número 5 destaca-se por seu caráter radical, pois ele ampara várias medidas coercitivas. Ele impunha a censura prévia para jornais, revistas, livros, peças de teatro e músicas. Entre outras determinações do AI-5 previa o poder de conceder ao Presidente da República dar recesso a Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmara de vereadores, delegando ao poder executivo federal as funções destes poderes legislativos.

A partir de 6 de janeiro, o *Jornal do Brasil* submeteu-se à auto-censura, em conformidade com as instruções da Censura, situação que perdurou até 1972 (2). O *Correio da Manhã* também foi invadido logo após o AI-5; Hélio Fernandes, diretor da *Tribuna da Imprensa*, que, tendo sido preso e confinado à ilha de Fernando de Noronha, tinha sido solto, foi preso outra vez. Em São Paulo, uma edição do *O Estado de São Paulo* foi confiscada porque protestava contra o AI-5 e, em vários pontos do País, abusos semelhantes foram constatados. (SOARES, 1989, p. 23)

Quanto à censura de diversões públicas, ela existia desde antes o regime militar, pois atuava desde 1945. Era praticada por funcionários especialistas e por

eles defendida com veemência. As artes tiveram que incorporar a tradicional temática de defesa da moral e dos bons costumes dos militares.

Apesar da repressão, a classe artística se opunha e fazia resistência ao regime ditatorial. Nove meses depois, estreava o espetáculo considerado a primeira resposta ao golpe militar: O Show Opinião, com Zé Kéti, João do Vale e Nara Leão, que foi substituída por Maria Bethânia.

Eu tinha 17 anos, era muito menina, mas eu tinha uma formação familiar que eu não vim estreitar opinião substituindo uma cantora popular só. Eu vim falar o mesmo discurso que a Nara falava e eu sabia o que eu ia dizer. Acho que era o momento assim de demonstração de uma resistência sincera, real, firme, consciente, bonita". (BETHÂNIA, 2014, em entrevista ao Jornal Hoje)

O teatro de Arena era um foco de resistência, sempre buscando formas de denunciar a repressão. E por isso, recebiam telefonemas com ameaças.

Eles mandavam recado: "hoje à noite vai morrer um" e você interpretar esperando tiro nas costas é um teatro incrível. Todos nós falávamos muito em cena. O Guarnieri: "lá na última fila tem um garoto de cabelo curto, tipo Aeronáutica, assim, é dali que vem. É aquele". Então a gente começava a interpretar só para ele: "liberdade, liberdade". Só pra ele". (LIMA DUARTE, 2014, em entrevista ao Jornal Hoje)

Assim como a classe artística, em toda mídia havia oposição ao governo. Durante os anos 70, circularam no Brasil inúmeros jornais de tamanho tablóide, que se caracterizaram pela oposição ao regime militar, ao modelo econômico, à violação dos direitos humanos e à censura. Esses periódicos eram conhecidos como imprensa nanica, devido ao tamanho e depois como imprensa alternativa. Ao longo da ditadura militar brasileira, haviam nascido cerca de 160 periódicos de vários tipos que tinham como traço comum a oposição ao regime.

Esses tablóides publicavam semanalmente, quinzenalmente e mensalmente e como consequência, eram bastante perseguidos pelos militares. Entre eles, destacaram-se "O Pasquim" e "Opinião" do Rio de Janeiro, "Movimento" representando o estado paulista e "Resistência" com origem em Belém do Pará. Trata-se de "Jornalistas e revolucionários".

Sua sustentação estava nos ideais de valorização do nacional e do popular da década de 1950. "Foram os únicos a perceberem os perigos do crescente endividamento externo, em 1973, e o agravamento das iniquidades sociais". (KUCINSKI, 1991, p. 14).

O Governo reconhecia a importância dos meios de comunicação no processo de alcance e dominação das massas. Deu-se então, a criação da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) no segundo governo militar. Desse momento em diante, era explícita a propaganda política e ideológica carregadas de sentimentalismo como o amor e a solidariedade, não trazendo referências políticas, e tinham a função de educar sob um pretexto de autoridade moral, sendo um dos principais objetivos obter um consenso sobre um sistema de valores. Se não o há, os resultados podem ser anomalísticos e desintegrados (REGO, 1986).

A AERP trabalhava com um conceito populista, em que os presidentes apareciam como “gente da gente”. Para isso, criaram slogans e campanhas vangloriando o imenso potencial e poderio brasileiro com o intuito de promover o patriotismo.

Uma mudança no quadro geral se inicia em 1979, quando João Batista Figueiredo assumiu a presidência do Brasil, promovendo uma transição à população civil. Em seu discurso ao vencer as eleições promete “a mão estendida em conciliação jurando fazer deste País uma democracia”. Um de seus atos políticos foi conceder anistia irrestrita aos políticos cassados pelos atos institucionais, permitiu o retorno ao Brasil dos exilados pelo regime militar. Também extinguiu o bipartidarismo.

A mídia desempenhou papel extremamente importante no crescimento do movimento das Diretas, por ser ela a responsável da divulgação dos passos dados pelos responsáveis das atividades. No início a participação foi tímida devido à censura imposta pelos militares. O primeiro jornal a se manifestar a favor das eleições diretas e com críticas agressivas ao militarismo foi Folha de S. Paulo. Outros jornais como O globo, o Estado de S. Paulo e as revistas Veja e Isto É também apoiaram o movimento.

A maior parte da grande imprensa participou do movimento que derrubou o Presidente João Goulart e foi, sem dúvida, um dos vetores de divulgação do fantasma do comunismo, que foi utilizado como uma das justificativas para derrubada do governo. (AMADO, 2007, p. 03)

No dia 25 de abril de 1984, o Congresso Nacional se reuniu para votar a emenda que tornaria possível a eleição direta ainda naquele ano. Foi negado à população o direito de acompanhar a votação dentro do plenário. Os militares deixaram claro que a proposta não era bem-vinda.

Para que a emenda fosse aprovada, eram necessários 2/3 dos votos. A expectativa era grande. Foram 298 votos a favor e 65 contra e 3 abstenções (outros 112 deputados não compareceram). Para ser aprovada, a proposta precisava de 320 votos. Com o fim do sonho, restava ainda a eleição indireta, quando dois civis disputariam o cargo. Paulo Maluf (PDS) e Tancredo Neves (PMDB) foram os indicados. Com o apoio das mesmas lideranças das Diretas Já, Tancredo Neves venceu a disputa. (FILHO, 2014)

Com o apoio popular, em movimentos de maior participação popular da história do Brasil, onde aos gritos de “Diretas Já!” mais de um milhão de pessoas lotou a praça da Sé, na capital paulista. Lideranças estudantis, como a União Nacional dos Estudantes, sindicatos, como a CUT (Central Única dos Trabalhadores), intelectuais, artistas e religiosos reforçaram o coro pelas Diretas Já. A vitória de Tancredo Neves encerrou o ciclo dos militares no poder e o início de uma república democrática.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho, de um modo geral, constitui em uma revisão de literatura sobre a implantação da censura na mídia comunicação durante Regime Militar como aporte para fundamentação da pesquisa e um trabalho de pesquisa ação onde a pesquisadora esteve atuando junto aos alunos, observando, percebendo, acompanhando e intervindo sempre que necessário. Para o desenvolvimento da pesquisa foram feitos junto aos alunos: leituras e interpretações de fontes escritas, de charges e áudios; e também reprodução de texto dissertativo, acompanhado de debates.

Participaram do desenvolvimento do trabalho os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Profª. Maria Aparecida Chuery Salcedo, município de Siqueira Campos - Paraná. No período da realização do projeto os alunos puderam utilizar como recurso de pesquisa a biblioteca e o laboratório de informática da escola, além de outros materiais disponibilizados pela pesquisadora. O projeto foi desenvolvido ao longo de dois meses, dividido em vários momentos ao longo das aulas da disciplina de História.

No primeiro momento, para dar início as atividades, foi exibido um documentário. A Série "Semana do Proibido"<sup>1</sup> que apresenta uma reportagem sobre

---

<sup>1</sup> Disponível no link: <http://tvbrasil.ebc.com.br/tags/semana-do-proibido>

a censura sofrida pela imprensa no regime militar. Após o término da exibição do vídeo, se iniciou um debate para analisar o conhecimento prévio dos alunos, acerca do conteúdo, foi permitido aos alunos expressarem suas opiniões sobre o vídeo e como eles achavam que era viver nessa época. Grande parte dos alunos mostrou desconhecimento sobre esses fatos da história, porém todos se mostraram interessados em explorar mais a respeito do tema.

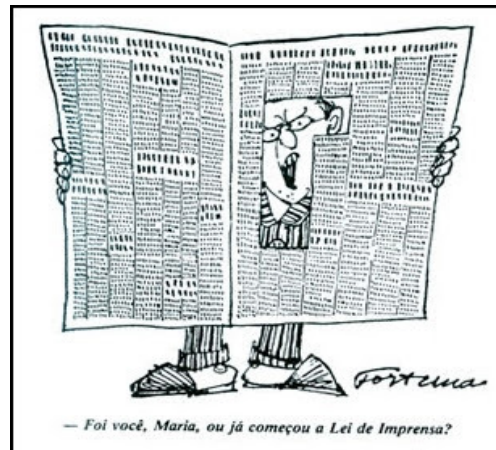
Figura 1: Vídeo, **Série mostra censura sofrida pela imprensa.**



FONTE:<http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil-noite/episodio/serie-mostra-censura-sofrida-pela-imprensa>

Em um segundo momento, tivemos a leitura e interpretação de charges. Foram distribuídas aos alunos cópias de charges elaboradas durante o período militar. Após analisarem a charge atentamente, foi solicitado aos alunos para descreverem verbalmente todos os elementos observados, levantando hipóteses sobre a ideia central da charge. A maioria dos alunos observou que a charge traz uma crítica à censura imposta pelo governo ditatorial, o qual ditava, no período em questão, o que poderia ou não ser publicado pelos meios de comunicação. Alguns alunos, de início, não entenderam a intenção da charge, alguns colegas explicaram aos que não haviam entendido no primeiro momento.

Figura 02: Charge de Fortuna



FONTE: Correio da Manhã em 07/10/1966

No terceiro momento do projeto, foi feita a leitura e interpretação de um texto voltado para como era e pelo que passou o jornalismo na época da ditadura. Ao concluir a leitura do texto, foi levantado questionamento com os alunos, de como a autora abordou a forma de atuação da censura aos meios de comunicação, que ocorreu com o decreto do Ato Institucional de número 5 (AI5). Nesse momento foi percebido que até então os alunos pouco sabiam de como tinha sido o jornalismo nesse período. Os alunos expressaram, na maioria, espanto, pois não conheciam nada sobre o assunto e vivendo atualmente é inimaginável tal situação.

FIGURA 03: Fragmento do texto trabalhado

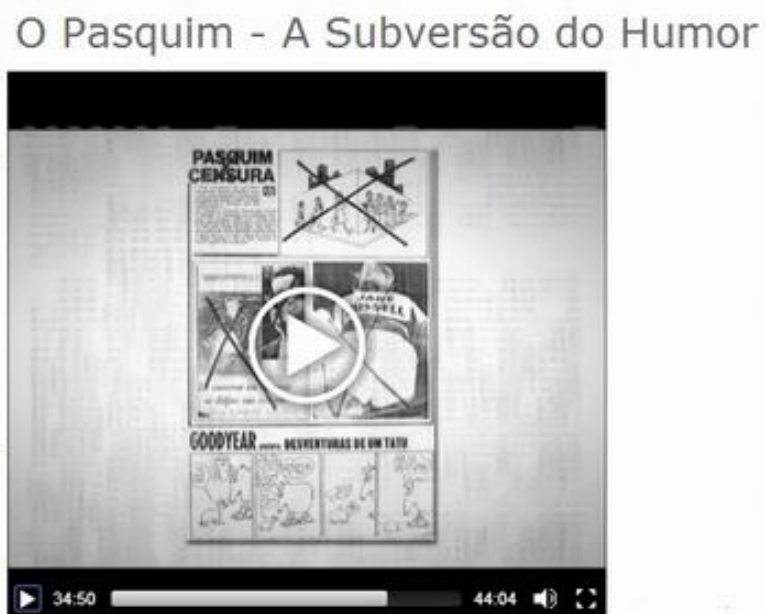
A primeira consideração relevante sobre o jornalismo durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985) é que a atuação da censura aos meios de comunicação, em sua forma mais coercitiva e opressora, ocorreu após 13 de dezembro de 1968, quando foi decretado o Ato Institucional número 5. Com a suspensão das garantias constitucionais, o Congresso Nacional foi fechado e instituída a censura prévia à imprensa, além de prisões em massa de parlamentares opositores, líderes estudantis e sindicais, intelectuais e artistas. Entre 1964 e 1968, a intervenção governamental em jornais e revistas ocorria em casos relativamente esparsos, através de bilhetes ou telefonemas aos proprietários das empresas jornalísticas, em que as autoridades militares passavam recomendações ou se queixavam de determinadas matérias. Com a vigência do AI-5, jornalistas e donos de jornais sentiram o impacto e a violência da censura policial.

FONTE: O texto completo, de **Livia Assad**, está disponível em: <http://alainet.org/active/67660>

### Reprodução e análise de vídeos

Foi proposto para os alunos assistirem um documentário, produzido pela TV Câmara em 2004, chamado de **O Pasquim - a subversão do humor**, que descreve a trajetória do jornal criado durante a ditadura militar (Para assistir, acesse o *link* indicado abaixo). Após a reprodução do vídeo foi promovido um debate entre os alunos sobre o tema em questão, levantando questionamentos e aprofundando o assunto. Nesse debate pode-se observar o que os alunos tinham absorvido até aquele momento sobre o tema pretendido no projeto. Ao terminar do debate se observou que os objetivos estavam sendo alcançados, pois os alunos se mostraram interessados e participativos. Algumas dúvidas, em relação ao momento histórico da ditadura, foi surgindo ao longo de todo o projeto, mas elas foram sanadas ora na sala de aula, ora em casa perguntando aos familiares e fazendo pesquisas na internet.

Um fato interessante é que os alunos sempre chegavam na aula contando os relatos das conversas que tiveram com seus pais e outros parentes. Muitos disseram que os familiares não sentiram nenhuma repreensão no período da ditadura. Um aluno até disse que o avô contou que nesse período se vivia mais tranqüilo com menos violência.



Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camارانoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/164411-O-PASQUIM---A-SUBVERSAO-DO-HUMOR.html>

Quinto momento foi proposto aos alunos uma produção de texto dissertativo. A proposta era que, elaborassem um texto dissertativo sobre o tema "Censura aos

meios de comunicação durante o Regime Militar". Tendo como referência todas as atividades desenvolvidas e fontes consultadas anteriormente. Após o desenvolvimento dos textos os alunos apresentaram os argumentos usados na construção dos textos e assim trocaram pontos de vistas distintos podendo complementar o conhecimento um do outro, como podemos observar no relato da aluna Larissa:

"Durante a Ditadura militar a perseguição as pessoas que eram contrárias ao regime foi muito grande, muitos jornalistas foram alvo de censura e até mesmo de execução por parte do regime. É difícil imaginar e absorver tudo o que estudamos sobre esse período da história do nosso país, já que vivemos em uma sociedade bem diferente, na qual temos liberdade de opinião para manifestarmos aquilo que não aceitamos. Os meios de comunicação estão o tempo todo divulgando algo que vai contra a sociedade e seus princípios."

Para finalizar foi pedido aos alunos que expressassem de alguma forma, o que eles acreditam que foi aquele momento da censura às mídias. Os alunos elaboraram cartazes, charges, desenhos e vídeos e textos curtos. E ao falar de seus trabalhos foi promovido um debate entre os alunos para que eles socializassem suas conclusões a respeito do tema, bem como esclarecidas as dúvidas, pelo professor, que surgiram durante a discussão. Nesse momento final os alunos disseram o que acharam do desenvolvimento do projeto. As opiniões foram em sua maioria positiva, o que mais se destacou nas falas foi que no desenvolvimento do projeto foram usados vários recursos diferentes do usual (quadro, giz e livro) e que eles também puderam expor seus pensamentos livremente.

#### **4 RESULTADO E DISCUSSÃO**

A respeito da palavra comunicação, Martino (2005) destaca que

(...) vem do latim *communicatio* do qual distinguimos três elementos: uma raiz *munis*, que significa "estar encarregado de" que acrescido ao sufixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a idéia de "uma atividade realizada conjuntamente" completada pela terminação *tio* que por sua vez reforça a idéia de atividade. (MARTINO, 2005 p. 12-13)

É possível afirmar que concepção de educação entrelaça-se no conceito de comunicação e seus meios, pois ambos devem acontecer através da interação. Dessa forma, foi trabalhado junto aos alunos, observando como a censura política

aos meios de comunicação foi se consolidando. Aos poucos, passou a se refletir certa impunidade. Segundo Marconi (1980), inicialmente as proibições chegavam às redações identificando, muitas vezes, a autoridade de quem partia a ordem para censurar determinada notícia. Com o tempo, a censura se fortaleceu e tornou-se arrogante.

As proibições passaram a adotar outra fórmula, onde a autoridade que determinava o veto não assumia a sua ordem.” Os censores passaram a usar termos, como “Por ordem superior”, “Por determinação superior”, “Fica proibido”. “Se no princípio um agente federal levava os bilhetinhos pessoalmente, depois, um simples telefonema avisando que o assunto estava proibido, era o bastante para manter amordaçada a quase totalidade da imprensa brasileira (MARCONI, 1980, p. 49).

Foi possível verificar que os alunos, compreenderam como as mídias foram atingidas pela implantação de um regime ditatorial no Brasil a partir de 1964; bem como refletir sobre os impactos da censura que atingiu a imprensa, rádio e a televisão durante o Regime Militar, apontando resistências no processo.

Inseridos em uma sociedade bem diferente do contexto da Ditadura Militar, os alunos ficaram interessados em compreender como aconteceram essas mudanças ao longo da história, já que hoje os meios de comunicação são livres para divulgar a realidade dos fatos.

Sendo assim, os alunos durante as aulas traziam mais discussões sobre o tema, que contribuíram para o enriquecimento do aprendizado. Buscaram também respostas para os questionamentos, juntamente com os familiares, pois muitos vivenciaram esse período, tornando as aulas mais atrativas para todos.

Ao final do trabalho pode-se concluir que teve um resultado satisfatório pois os alunos entenderam que a comunicação, através das mídias, acaba sendo a ação propiciadora do vínculo social, ou seja, insere o indivíduo na sociedade, incluindo-o na conversação social, porém não basta estudar a mídia em si, mas como as pessoas interagem com ela. O reflexo da mídia depende do tipo de interação, significação e apropriação que os receptores farão dos conteúdos, conforme as múltiplas mediações possíveis.

O que ficou entendido nesse projeto é que, as pessoas são aquilo que absorve por meio das mídias. Logo, o distanciamento das mídias pode também provocar certa distância social. Sendo assim a possibilidade dos saberes construídos através do processo educativo em consonância com os saberes da comunicação, suas mídias, contribuirão na aquisição do conhecimento e para a

formação de cidadãos conscientes do exercício pleno de sua cidadania. Esse projeto ressaltou que na medida em que houver um engajamento da Educação para a formação de receptores midiáticos mais críticos e reflexivos, os campos se complementam.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do trabalho foi possível concluir que, as mídias foram grandes alvos da censura no período da ditadura, instaurada pelo golpe de 1964. Concluiu-se também que, a censura, ao longo do período da ditadura, foi assumindo múltiplas formas e intensidades, nela temos a lei da imprensa de 1967, a censura prévia, em 1970, a autocensura.

Ao longo desenvolvimento do trabalho ficou evidente que a censura no regime militar foi um dos elementos mais marcantes da severidade do regime Militar. E que povo brasileiro era controlado através dos órgãos do governo que sempre queriam transparecer a paz e a estabilidade social no país. Ficou claro que, tal censura coibiu filmes, peças teatrais, a editoração de vários livros e a inclusão de assuntos essenciais para a carreira escolar e sem contar com o número de músicas barradas na época. Ao fim do projeto pode-se ver a importância da democracia que coloca fim a décadas de despotismo e a censura militar e restaura a liberdade atual em que se vive.

## REFERÊNCIAS

AMADO, João. **Os jornalistas e o golpe de 1964**. 2007. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/os\\_jornalistas\\_e\\_o\\_golpe\\_de\\_1964](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/os_jornalistas_e_o_golpe_de_1964)>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa, Estado autoritário (1968-1978)**. São Paulo, Edusc, 1999.

BERG, Creusa. **Mecanismos de silêncio** – Expressões artísticas e censura no regime militar (1964-1984), São Carlos, SP, Edufscar, 2002.

COSTELA, Antonio F. **O controle da informação no Brasil**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1970.

FILHO, Daniel. **Enfim, Diretas Já.** 2014. Disponível em: <<http://sgc.bernoulli.com.br/projetodeensino/2014-2-e-1/2014/10/24/enfim-diretas-ja/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2015

JORNAL HOJE. **Artistas relembram repressão e a censura na época da ditadura militar.** 2014. Disponível em : <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/03/artistas-relembra-repressao-e-censura-na-epoca-da-ditadura-militar.html>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2015

KUCINSKI, Bernardo. **A primeira vítima:** a autocensura durante o regime militar, In \_\_\_\_\_ Carneiro, Maria Tereza Tucci (Org). *Minorias silenciadas: a história da censura no Brasil.* São Paulo, Edusp, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** a imprensa alternativa no Brasil 1964-1980. São Paulo, Edusp, 2003.

MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968 – 1978).** São Paulo: Global, 1980.

MARTINO, Luiz C., In,: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Veiga Vera. (Org.) **Teorias da Comunicação. Conceitos, Escolas e tendências.** 5 . ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEDINA, Cremilda. **As múltiplas face da censura.** In \_\_\_\_\_ Carneiro, Maria Tereza Tucci (Org). *Minorias silenciosas: história da censura no Brasil,* São Paulo, Edusp, 2002.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A censura durante o regime autoritário.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 21-43, jun. 1989.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Comunicação empresarial, comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas.** 5. ed. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1986.

RESENDE, Lino Geraldo. **A censura contra a cidadania:** o caso do Brasil. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/resende-lino-geraldo-censura-cidadania.pdf>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2015

RUBIM, Antonio A. C. **Mídia e eleições presidencialismo Brasil pós-ditadura.** Disponível em: < [http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/16874\\_Cache](http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/16874_Cache)>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2015.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.